



DOM QUIXOTE

O louvor de
uns poucos
sábios é
mais impor-
tante do que
a zombaria
de muitos
tolos.

NESTA EDIÇÃO

Miguel de Cervantes	1
Editorial	2
Nossa Gramática	2
Um olhar pelas obras de Cervantes	3
Último canto do Cisne	3
Dom Quixote e Sancho	4
Fim de tudo	5
Miguel de Unamuno sobre Dom Quixote	6

Sempre é uma tarefa incrivelmente árdua e ao mesmo tempo honorífica, tecer palavras em forma de introdução a um grande escritor, maior que seu próprio tempo, e talvez maior que o nosso tempo. Por isso, acredito que os caros leitores me perdoaram qualquer intransigência no assunto aqui abordado, mas que se faz imensamente necessário para uma verdadeira evolução cultural em nossas mentes.

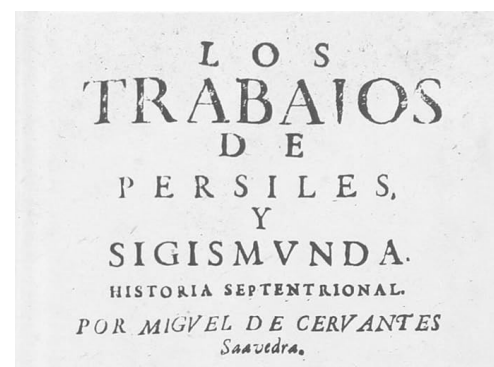


Miguel de Cervantes Saavedra, nasceu na Espanha em 1547, uma época chamada de “Ouro” para a literatura espanhola, especialmente por causa da grande fama dos romances de cavalaria, um estilo que não encontrava oponente a altura para oferecer aos leitores uma opção que, mesmo equivalente ao valor, trouxesse uma inovação ao mundo dos livros.

A vida de Cervantes não foi tão tranquila como se poderia imaginar. Apesar de nascer em uma família nobre, enfrentou dificuldades financeiras, alistou-se no exército espanhol, foi capturado como escravo e ficou longos anos longe de sua terra.

Aos 23 anos, Cervantes decidiu se alistar no exército espanhol, onde serviu com distinção na Batalha de Lepanto, um dos conflitos navais mais

significativos do século XVI. Cervantes passou cinco longos anos em cativeiro antes de ser resgatado.



Essas experiências, impregnadas de sofrimento e resistência, encontraram ecos em suas obras, particularmente em *Los trabajos de Persiles y Sigismunda*, um romance póstumo que relata uma saga de aventuras e provações.

Cervantes não foi notável somente porque escreveu “Dom Quixote”, mas porque aventurou-se numa nova perspectiva em sua época, recolhendo elementos literários de seu tempo numa nova linha de narrativa literária, e que hoje lhe vale o título de iniciador dos romances modernos. E se o leitor analisar atentamente a obra de Cervantes em comparação com a hegemonia de sua época que resumia-se simplesmente em livros de romances de cavalaria com enredos repetitivos, concluirá que Cervantes realmente merece a alcunha de imortal e gênio no mundo literário.

O dia 23 de abril ficou fixado como o Dia de Cervantes, por causa de sua morte, que ocorreu neste dia em 1616.

Klaus Tolst
tolst.klaus@hotmail.com

EDITORIAL

Muito se fala em novo ciclo, nova jornada, nova fase ou mesmo, nova “energia”. Apesar de tudo isso que se fala do início de um novo ano civil, o que de fato percebemos é que podemos transformar este novo período de contagem do tempo de nossa existência em uma oportunidade real de crescermos, e de certa maneira, evoluirmos como seres humanos capazes de produzir, armazenar e refinar cultura.

Este informativo, neste ainda curto período de existência, sempre trabalhou sobre o lema “ler para crescer”, e é com esta motivação que queremos avançar neste novo ano, como uma nau desbravadora neste oceano de cultura já produzida pelos inumeráveis escritores em todo o mundo e de todas as épocas.

E fazendo justiça a este entendimento motivacional, neste ano que já iniciamos, a Equipe do O Leitor trabalhará mais arduamente para robustecer este periódico literário, não somente aumentando o número de páginas, mas buscando aprofundar melhor cada escritor e sua obra que escolhe-se destacar nas edições. Por isso, teremos um e no máximo dois nomes a serem trabalhados nas edições deste ano, para que cada edição possa se aprofundar sem querer abran-ger muitos nomes ao mesmo tempo.

Para esta empreitada, já conseguimos até aumentar nosso quadro de colaboradores, o que sempre se faz importante para também transmitir a variedade de interpretação e entendimento a cerca dos temas abordados.

Resumindo, a partir desta edição, o informativo O Leitor terá um escritor abordado; uma sessão para comemorarmos 50, 100, ou mais séculos de algum escritor ou de alguma obra de reconhecida importância, além da já existente campanha Escreva!, que permanecerá por conta da satisfatória resposta dos leitores.

O incentivo para que a leitura constante e permanente se torne um hábito na vida de todos não deve ser encarado como mera utopia, mas como combustível para que, projetos culturais como O Leitor, não percam-se em meio a qualquer desânimo ou suposto silêncio daqueles a quem ele deseja alcançar. Nossa missão sempre será a de levar a todos os espíritos dispostos, a chama do inexprimível hábito da leitura, que não reproduz apenas um *hobby*, mas revela uma verdadeira ferramenta de saber e evolução.

Não espero algo mais prazeroso e ao mesmo tempo totalmente produtivo do que a aventura de amar a leitura, ao ponto de doar-se quando não a poder tê-la consigo por conta de injustas ocupações. Amor à leitura, é sem mais delongas, amar a própria vida em potencial evolução intelectual.



G Nossa Gramática **PAROXÍTONAS**

As palavras proparoxítonas são aquelas em que a antepenúltima sílaba é a sílaba tônica. As sílabas tônicas são as faladas com mais intensidade.

Todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.

Exemplos:

árvore (ár-vo-re)

ginástica (gi-nás-ti-ca)

fanático (fa-ná-ti-co)

Quanto à posição da sílaba tônica, além das palavras proparoxítonas há: palavras oxítonas, cuja última sílaba é tônica, e palavras paroxítonas, cuja penúltima sílaba é tônica.

Exemplos de palavras proparoxítonas

abóbora (a-bó-bo-ra)

ângulo (ân-gu-lo)

arquétipo (ar-qué-ti-po)

árvore (ár-vo-re)

átomo (á-to-mo)

Bárbara (bár-ba-ra)

Acentuação tônica e acentuação gráfica

Acentuação tônica e acentuação gráfica são coisas diferentes.

Enquanto o acento tônico marca a intensidade do som, o acento gráfico é um sinal gráfico. Os acentos gráficos são: agudo (´), grave (`) e circunflexo (^).

Nem todas as sílabas tônicas levam acento gráfico, mas no caso das palavras proparoxítonas, as sílabas tônicas sempre são acentuadas.

Lembre-se: não existem palavras proparoxítonas sem acento. Dúvidas frequentes sobre proparoxítonas, paroxítonas e oxítonas Para classificar as palavras como proparoxítonas, paroxítonas e oxítonas, precisamos estar atentos à acentuação.

UM OLHAR PELAS OBRAS DE CERVANTES

Apesar da fixação justíssima dos leitores em geral pelo romance “O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha”, Miguel de Cervantes escreveu muito mais que um romance em sua vida. Na verdade, o mais famoso e clássico de seus livros é apenas o segundo livro a ser publicado por ele, e na verdade, foi a primeira parte, sendo sucedida por outras pequenas obras até que publicasse a segunda parte das aventuras - ou desventuras - de Dom Quixote e seu fiel companheiro Sancho Pança.

A primeira obra de Miguel de Cervantes foi o romance “Galateia”, no ano de 1585, quando Cervantes completava seus 38 anos de idade. Alguns podem pensar que começou tarde a escrever, mas é preciso considerar o tempo que dedicou ao exército espanhol e também os anos que ficou prisioneiro como escravo longe de sua pátria. Parece que este romance serviu a Cervantes

como um estudo sobre o amor, utilizando-se do cenário pastoril de seu tempo.

Vamos pular a obra prima de Cervantes e vamos citar o intermediário, ou seja, os “Novelas Exemplares”, publi-

as convenções sociais e a crueldade das pessoas. Estas novelas ou contos estão inseridas no contexto de sua inserção na Ordem Terceira Franciscana, por isso o tema recorrente envolve pobreza, caridade, ou seja, problemas sociais.

Publicou também uma série de obras teatrais dramáticas, pouco conhecidas: *Trato de Argel*; *La Numancia*; *El gallardo español*; *Los baños de Argel*; *La gran sultana*, *Doña Catalina de Oviedo*; *La casa de los celos*; *El laberinto de amor*; *La entretenida*; *El rufián dichoso*; *Pedro de Urdemalas*.

Escreveu alguns poemas e sonetos avulsos, que também revelam a versatilidade deste “patriarca”

dos escritores modernos.

Pedro Dóxil

pedrodoxil.oleitor@gmail.com



cados em 1623. O tema é a corrupção social denunciada por um dos cachorros, Berganza, que narra a história de sua vida, repleta de aventuras, perigos, peripécias e até bruxarias; ele conversa com seu companheiro Cipião sobre

ÚLTIMO CANTO DO CISNE

Quando eu morrer, não chorem minha morte,

entreguem meu corpo à sepultura;

pobre, sem pompas, sejam-lhe a mortalha

os andrajos que deu-me a desventura.

Não mintam ao sepulcro apresentando um rico funeral d'aspecto nobre: como agora a zombar me dizem vivo, digam-me também morto -aí vai um pobre!

De amigos hipócritas não quero públicas provas de afeição fingida; deixem-me morto só, como deixaram-me

lutar contra a má sorte toda a vida.

Outros prantos não quero, que não sejam

esse pranto de fel amargurado de minha companheira de infortúnios, que me adora apesar de desgraçado.

O pranto, açucena de minh'alma, do coração sincero, d'alma sã, de um anjo que também sente meus males, de uma virgem que adoro como irmã.

Tenho um jovem amigo, também quero que junte em minha Essa os prantos seus

aos de um pobre ancião que perfilhou-

me

quando a filha entregou-me aos pés de Deus

dos meus todos eu sei que terei preces,

saudades, lágrimas também;

que não tenho a lembrança de ofendê-los

e sei quanta amizade eles me têm.

E tranqüilo, meu Deus, a vós me entrego,

pecador de mil culpas carregado:

Mas os prantos dos meus perdão vos pedem,

e o muito que também tenho chorado.

Miguel de Cervantes

DOM QUIXOTE E SANCHE



Alonso Quijano inebria-se das histórias cavaleirescas, enche-se em demasia no espírito, que o põe pelo mundo a exemplo dos personagens lindos que o “autorizam” a cruzar o limiar da lucidez e da responsabilidade consigo mesmo, e vai ao encontro do inventado, do ainda não existente. Dom Quixote é o símbolo da tênue linha entre a loucura e a capacidade de mudar o mundo.

O tema da lucidez ou demência de Alonso Quijano já foi tema de inúmeras investigações literárias, nos mais variados idiomas. Mas percebo que mesmo com tanta produção, com tantos comentários sobre a saúde mental deste personagem, sua figura não deixa de passar diante de nós como a mais enigmática possível, trazendo-nos questões de existência, moral e justiça. Não podemos deixar de observar todo o conjunto deste personagem que assume para si, no apogeu de sua embriaguez, o nome de Dom Quixote de La Mancha, um cavaleiro errante que vive para que a justiça prevaleça, e por este motivo não é de estranhar que o tema da justiça faça parte da vida de Dom Quixote, especialmente se lembrarmos que na época das cavalarias, todo sistema judiciário estava centrado na figura do Rei. Isto nos leva a crer que a justiça exercida pelo cavaleiro Dom Quixote acaba se tornando

ou uma crítica a um sistema centralista de justiça civil ou um deboche da autoridade constituída, neste caso, o Rei. A moralidade do nosso cavaleiro é talvez a característica mais visível em suas ações, especialmente destacando a fidalguia que ele mesmo representa. A idealização de uma donzela amada serve-lhe também de referencial para toda e qualquer atitude virtuosa que diante das variadas situações precisa tomar, algo que também extraiu de suas leituras de cavalaria.

Certa filosofia existencial acaba sendo posta em prova na personagem de Cervantes. Não é raro nos depararmos com frases ou sentenças de Dom Quixote que nos levam a refletir sobre a vida humana, o que me parece fantástico, lembrando que esta obra é do século XVII, ou seja, há mais de 400 anos de sua publicação. A imortalidade deste personagem talvez resida especialmente neste ponto, de postura diante da existência humana, que acaba encontrando na loucura a realidade que precisa para viver.

Sancho, no entanto, foi seduzido por uma promessa. Quixote lhe prometeu uma ilha, da qual seria governador, e isso não seria pouca coisa na época em que o Cervantes pincelava estas narrativas. Seria um erro nosso pensar que Quixote enganou deliberadamente seu

antigo vizinho e agora escudeiro em suas jornadas, pois na mais realista ficção gerada na completa embriaguez literária, Dom Quixote de La Mancha realmente faria realizar o prometido, transformando Sancho em governador de alguma ilha.

Sancho é um vizinho que decide acompanhar Dom Quixote em suas aventuras de cavalaria. Seu pragmatismo e seu gosto pelas posses se opõem às qualidades do patrão, mas sua ingenuidade e sua bondade permitem que ele conviva perfeitamente com Dom Quixote. É um personagem que representa a fidelidade, apesar de sua aparente postura materialista: em Sancho, o amor sempre surge acima da trapaça e dos golpes que, às vezes, ele aplica. Às vezes, guiado por sua credulidade e por seus desejos de vantagens materiais, participa das loucuras de Dom Quixote; e outras, por causa do pragmatismo, mostra-se apegado à realidade.

Na imortal obra de Cervantes, Dom Quixote e Sancho aparecem como facetas do homem comum que inebria-se de algo inalcançável na possibilidade de uma aventura feliz e eterna.



Tudo parece já esquecido. Tudo parece já destruído e o que ainda insiste em permanecer, já possui sinais de ruína. Apesar de parecer falar de uma cidade ou de uma construção, estou nada menos que revelando o estado de meu espírito. Melancólico para alguns, exagero de adolescente para outros, mas reflexo de um interior nada feliz com o que viu e que vislumbra para o um futuro próximo.

É noite do último dia do mês de dezembro, e todos estão eufóricos com as comemorações de passagem de um ano civil para outro, o que sempre me pareceu uma tolice, pois não passa de um dia como os demais, apenas houve uma decisão consensual de que seria uma virada de ano, uma zerada no cronômetro para recomençar a contagem, mas de quê? Talvez do fim de tudo, talvez do fim de minha vida.

Isto não é uma carta de despedida de um suicida, não pensem isso, apesar do tom melancólico e depressivo. Deixa eu tentar explicar melhor. Sou um apaixonado por informação, do tipo que passa todos os momentos possíveis lendo jornais e sites de notícias, de todo o mundo. Claro que isso me traz mui-

FIM DE TUDO

to trabalho como por exemplo ter que aprender um pouco de algumas línguas estrangeiras, mas consegui me virar com o tempo. Enfim, acompanho quase todas as notícias públicas de todos os continentes, e é justamente isso que me



deixou assim, totalmente à beira do precipício do "tudo está acabado". Talvez você que esteja lendo isso não me entenda perfeitamente por pensar ser exagero de minha parte, mas observe que no mundo eu não sou o único que diante de tudo o que curiosamente acompanha, em certo momento acaba por afirmar que tudo no mundo não tem mais solução, e começo a pensar se realmente algum dia chegou a existir uma solução.

Sei que parece ser um desabafo do tipo filosófico ou psicológico, mas estou a contar meu fim, meu último

pensamento que me leva a não mais querer saber de nada deste mundo. A multidão de notícias negativas podem resultar num efeito devastador em quem as detém, e disso sou testemunha.

Fechei todas as portas? Todas as janelas pelas quais poderiam chegar a mim alguma saída? Não sei. Poderia dizer que sim, mas como poderia afirmar no meio de tanta desilusão com o que eu mesmo conheço? Talvez sem eu perceber, sem eu querer, sem eu buscar, apareça algo que me faça pensar "tudo o que vê no mundo de ruim, não é o mundo todo".

Pois é, assim termino meu ano, esta contagem que parece ser a única coisa regular em minha vida, e assim vou-me para um novo ano, ou um mundo possível.

Anônimo



Patrocinadores

Diário
Artigos
Seja Membro

"A fidelidade à própria consciência já é o início."

Seja Membro

Acesse o site oficial do professor Valderi da Silva
www.valderi.com.br

10 Publicações 68 Seguidores 13 Seguindo

Valmi Projetos & Comunicação
Serviço de escrita
E-mail: valderi@valderi.com.br
www.facebook.com/valmi.projetos

Painel profissional
Novas ferramentas já estão disponíveis.

Editar perfil Compartilhar p... Contato

O Leitor Cursos Serviços Novo

Assessoria Acadêmica

Siga no Instagram a página @valmi.pgc

Anuncie aqui.

Anuncie aqui.

MIGUEL DE UNAMUNO SOBRE DOM QUIXOTE

Miguel de Unamuno era um apaixonado pela vida de Dom Quixote de la Mancha, assim como eu, apesar de me considerar um apaixonado menos culto que Unamuno. Mas mesmo reconhecendo minha inferioridade no quesito “conhecedor quixotiano”, aventurei-me em dois excertos de Unamuno sobre o principal personagem de Miguel Cervantes.

Unamuno destaca dois pontos da vida de Quixote que merecem a leitura e reflexão do leitor atento, a saber: do reconhecimento da vida como sonho e morte como despertar; e do “sepulcro” de Dom Quixote como lugar de início da imortalidade.

Já no fim de sua vida, Dom Quixote se encontra enfermo e a reflexão sobre sua iminente morte ilumina sua mente, eliminando o torpor que as imagens de cavalaria a tinham nublado. Por este motivo que chegando a este momento, coloca em testamento que sua sobrinha, beneficiária de seus bens, só poderia usufruir destes se casasse-se com homem que não tivesse qualquer contato com livros de cavalaria. Não sei exatamente se o leitor está ligando uma coisa a outra, mas recordemos que antes das aventuras a que se propôs Alonso Quixano, que depois adotou o nome de Dom Quixote de la Mancha, sua vida era imersa em leituras sobre livros de cavalaria, livros estes que narravam os feitos e o estilo de vida de homens errantes que, munidos de grande senso moral e de fé, combatiam qualquer maldade que passassem por seu caminho, especialmente quando se tratava de salvar pessoas indefesas, especialmente donzelas. Eram homens geralmente formados em alguma arte de esgrima e luta, para combater o que fosse necessário.

Miguel de Unamuno destaca poeticamente que para Quixote a limiar de sua vida passou a ser um descortinar da razão em contraste com o sonho da vida que levou. De fato, no leito de morte confessa que sua vida cavaleiresca foi uma grande ilusão e por isso expressou tanta preocupação com que aqueles que por ventura pudessem cair neste mesmo sonho irracional que o levou a ser considerado totalmente louco. Para os leitores da vida de Dom Quixote, suas aventuras, suas batalhas contra os moinhos de vento, sua procura romântica pela donzela Dulcinéia, pode ser fascinante, mas Cervantes precisava alertar com Qui-



xote que este sonho para além do realizável um dia terá que cessar e encontrar a realidade crua e pura. O que Alonso Quixano encontrou no leito de morte e por isso o seu despertar para a verdadeira imortalidade que procurava, esta que vem com a sua morte, na que procurava nas aventuras valorosas e condecoradas com os louros da opinião pública.

Miguel de Unamuno fala da busca pelo sepulcro de Dom Quixote, este sepulcro que não se trata de lugar físico, lugar de restos mortais, mas se trata de estado de vida, de momento crucial de evolução da existência. Por isso, do despertar do sonho de uma vida irreal encontrar o lugar de início de uma imortalidade existência, a que Unamuno associa a vida em Deus.

Deste escrito de Unamuno do início do século XX, o leitor de hoje pode extrair uma verdadeira lição de esforço por entender como uma obra de mais de 400 anos ainda pode nos fazer produzir tanta reflexão e tanto trabalho acadêmico e dissertativo. Personagens como Quixote são imortais e assim o são porque encontramos outros ao redor deles, como um Sancho, como um cavalo companheiro chamado Rocinante, uma donzela imaginária chamada Dulcinéia. Na vida de Quixote, a elevação da cultura aos raios da loucura também vira tema de estudo e leitura, mas não deve nem pode intimidar o recente leitor a não se aprofundar em histórias como esta do valoroso fidalgo Dom Quixote de la Mancha e de seu companheiro Sancho.

Valderi da Silva

valderi@valderi.com.br



Apoio e divulgação:

VALMI

Projetos G. e C.

fb.com/valmi.projetos

Instagram.com/valmi.pgc



Organização:

Societas Libri

Sociedade de Literatura

twitter.com/LibriSocietas

Instagram.com/Societas.Libri

Seja um patrocinador desta iniciativa cultural. Entre em contato conosco pelo e-mail:

oleitor.info@gmail.com

Ou faça a assinatura mensal pelo link www.oleitor.info/assinatura